

“

MANTEGA

■ INFLAÇÃO

“Nós temos uma pressão inflacionária um pouco maior neste ano, mas a inflação vai ficar dentro da meta. Quando o Armínio era presidente do BC, pegou a inflação em 7% e deixou em 12%, em 2002. Hoje em dia, nós temos reservas e um endividamento menor. A economia é muito mais sólida do que naquela época e podemos manter a situação sob controle. Faz 12 anos que cumprimos a meta de inflação, apesar das pressões que temos sofrido”.

■ CRESCIMENTO

“O relatório do FMI diz que o crescimento mundial médio é de 3,5%. Fica difícil crescer muito quando tem falta de comércio internacional. Felizmente, nós temos a China, que é nosso parceiro comercial maior. Existe uma perspectiva de que esta crise vá se dissipando nos próximos anos. Nossa economia é uma das que mais gerou emprego durante a crise. Só no governo Dilma, nós geramos 5,5 milhões de empregos, o dobro do que foi gerado na era FHC. O que há é uma escassez de crédito, devido à nossa política de restrição em função da inflação”.

■ BANCOS PÚBLICOS

“Os bancos públicos brasileiros são muito bem geridos, têm eficiência que pode ser constatada pelas margens de rentabilidade e pela inadimplência, com níveis menores do que o setor privado. No tempo do FHC, a Caixa quebrou uma vez, o BB quase quebrou e eles tiveram que colocar dinheiro. O Estado tem que investir mais, e nós dobramos o investimento. Se nós pegarmos de 2003 a 2013, o investimento cresceu 5,1% anualmente, enquanto cresceu 1% em média ao ano nos governos FHC. Sem a participação do BNDES, não estaria havendo compra de máquinas e equipamentos”.

■ QUESTÃO FISCAL

“Nós tivemos um comportamento fiscal muito rigoroso. Procuramos manter o superávit elevado. Antes de começar a crise, tivemos que fazer política anticíclica, que talvez ele (Armínio) não tivesse feito, o que significou reduzir tributos para dar competitividade. Porém, nossa dívida é menor. Recebemos uma dívida de 60% do PIB. Hoje está em 35%. A taxa de juros real média no período dele foi 13,5%. Hoje, está em 4,5%”.



ABR

Folhapress

Guido Mantega e Armínio Fraga debatem na TV

Ministro afirmou que PSDB quer tirar papel de subsidiador do Estado. Economista tucano criticou falta de transparência

Eduardo Miranda

eduardo.miranda@brasileconomico.com.br

O ministro da Fazenda, Guido Mantega, e o economista Armínio Fraga, anunciado por Aécio Neves como seu ministro em eventual vitória do PSDB, debateram propostas para o próximo mandato presidencial, ontem, no programa da jornalista Miriam Leitão, na Globonews.

Armínio Fraga disse estar

preocupado com o crescimento econômico do país e com a baixa taxa de investimento.

“O atual modelo econômico não está entregando crescimento. Esse governo tem tido dificuldade em mobilizar capital. O setor ferroviário, por exemplo, tem dificuldades para desenhar as concessões e atrair investimentos. Além disso, a falta de transparência está assustando”, criticou o economista.

Mantega rebateu, afirmando

que Armínio quer tirar o papel do Estado nos investimentos: “Temos que fazer investimentos com juros subsidiados. Quando faltou crédito no setor privado, os bancos públicos entraram com mais créditos e juros menores. O Armínio quer tirar esses subsídios. A diferença entre nós é o papel do Estado”.

Colaboraram os estagiários

Gabriel Vasconcelos e João Pedro Soares

ARMÍNIO

“

■ INFLAÇÃO

“Para um país com a nossa história, esta inflação é um risco e as pessoas sentem. Há muitos preços represados, como a taxa de câmbio e isso dá uma sensação de que a inflação poderia ser maior. Mas agora a situação é diferente: a inflação está bastante alta e o crescimento muito baixo, o que sugere um problema mais sério. O Brasil vai crescer 2 pontos percentuais abaixo da América Latina este ano, o que não é nem de longe um bom padrão. Nos últimos anos tem acontecido uma situação esdrúxula em que o governo relega ao Banco Central o controle da inflação, mas mantém outras políticas que a facilitam.”

■ CRESCIMENTO

“A crise aconteceu, de fato, em 2009, o ano de recessão. De lá pra cá a economia mundial está crescendo, e o Brasil não. O que faz o país crescer é investir, e fizemos isso muito pouco, com só 16,5% do PIB. Isso acarreta problemas muito sérios, como o da infraestrutura e a queda de atividade. Na minha opinião, se trata muito mais de um problema interno do que externo. Hoje temos um modelo econômico que não entrega crescimento. Esse governo tem tido dificuldade em mobilizar capital.”

■ BANCOS PÚBLICOS

“Precisamos ter juro baixo para todo mundo, não só para quem toma dinheiro emprestado do BNDES. Precisamos de um modelo que se alavanca em cima do mercado, usa o mercado. Os bancos públicos têm o seu papel. Mas acho que deveriam ter mais critério porque é um recurso escasso. Não acho que deveriam emprestar a empresas que podem recorrer ao mercado, como a Petrobras”.

■ A QUESTÃO FISCAL

“A questão fiscal é crucial, mas não é tudo. Eu também propus mecanismos anticíclicos. O problema é que quando se inventa uma crise, deixamos de lado os problemas reais do país. No caso fiscal, hoje a solução é movida a pedaladas com o dinheiro da Previdência e do BNDES. Hoje nós temos crescimento na casa de zero e juros elevados, o que é uma ameaça. Temos que fazer uma reforma tributária profunda, parar de desonerar as importações e não penalizar os investimentos. É preciso trazer regras que mobilizem o capital privado. A proposta é arrumar a casa para crescer a 4% e gastar com o que realmente importa.”